

APRESENTAÇÃO E MANIFESTO

PRESENTATION AND MANIFEST

DOI 10.5281/zenodo.7656564

Angela Beatriz Pomatti¹Luciana da Costa de Oliveira²Marcelo Vianna³Cristiano Enrique de Brum⁴

A Revista Sillogés publica uma edição com artigos submetidos ao longo de 2022, sendo três deles compondo o dossiê História e Acervos: Experiências e Debates, proposto pela equipe editorial do periódico. Foram três artigos de interesse, os quais contribuem para pensar os meios digitais em suas práticas no campo historiográfico, especialmente no que se refere ao uso e divulgação de acervos. Agradecemos os esforços dos autores e dos avaliadores pela participação desta edição.

Relativo ao dossiê, o artigo intitulado "Gazeta Médica da Bahia e a condição de patrimônio cultural", de autoria de Davilene Souza Santos, apresenta o periódico como importante objeto de estudo. Ao elaborar uma pesquisa qualitativa, a autora analisa a trajetória da revista médica e sublinha a sua relevância como patrimônio cultural. Além

¹ Diretora técnica Museu de História da Medicina (MUHM). Coordenação GT Acervos ANPUH/RS. Editora Revista Sillogés. E-mail: angelapomatti@yahoo.com.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6621-5635>

² Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História - Unisinos. Coordenação GT Acervos ANPUH/RS Editora Revista Sillogés. E-mail: luciana_de_oliveira@hotmail.com Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2784-6220>

³ Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - IFRS Campus Osório. Coordenação GT Acervos ANPUH/RS. Editor Revista Sillogés. E-mail: marcelo.vianna@osorio.ifrs.edu.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3687-3474>

⁴ Professor Substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Editor Revista Sillogés. E-mail: cristianodebrum@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4119-415>

disso, atenta às lacunas acerca dos estudos sobre as temáticas apresentadas, a autora os problematiza através da semiótica.

O texto elaborado por George Leonardo Seabra Coelho, David Antonio da Costa, Janine Marques da Costa Gregorio e Luiz Gustavo Martins da Silva, intitulado "Surfando nos acervos digitais: experiências arquivísticas no Repositório Digital de História da Educação Matemática", apresenta uma importante reflexão acerca dos usos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. O estudo parte das experiências obtidas em um projeto de Extensão, ligado ao Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História da Universidade federal do Tocantins, e objetiva apresentar as formas de realização de pesquisa nos acervos digitais bem como a disponibilização destes no Repositório de Conteúdo Digital da Universidade Federal de Santa Catarina.

Já o artigo "Exposições virtuais do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul: experiências em tempos de pandemia", elaborado por Angela Beatriz Pomatti, Gláucia Kulzer e Nicholas Aguirre, além de problematizar as exposições e ações educativas no meio virtual, são apresentados os impactos da pandemia de Covid-19 na instituição e as formas encontradas de reelaborar o trabalho que já vinha sendo realizado no museu.

Como de costume em nossas edições, buscamos incluir documentos históricos de interesse à comunidade, como manifestos de entidades vinculadas à História, Memória e Patrimônio. Foi o caso das "Diretrizes Integradoras para Futuras Políticas Públicas de Patrimônio Cultural", documento organizado pelo Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro e lançado no dia 08 de dezembro de 2022 e que segue publicado neste número. O documento buscou sistematizar e apresentar ao Gabinete de Transição "Cultura" no Governo Lula as contribuições do Fórum para a gestão do patrimônio cultural brasileiro, tão vilipendiado pelo último governo.

Por sua vez, para além dos artigos do dossiê e os trabalhos de fluxo contínuo submetidos ao nosso periódico, gostaríamos de apontar a obtenção do conceito B3 no

Qualis/CAPES (2017-2020). Para uma publicação que iniciou suas atividades no ano de 2018, se trata de um resultado significativo, ainda que não podemos deixar de criticar os parâmetros adotados que acabaram penalizando os periódicos mais recentes, como a Sillogés. Para uma revista da área de História preocupada em discutir, problematizar e apresentar temas relacionados ao patrimônio e à memória, o esforço será mantido para promover e organizar novas edições significativas, que contribuam para a produção do campo historiográfico e sua divulgação.

Também convidamos para que participem do nosso próximo dossiê, intitulado “Lugares de Mulheres e Mulheridades: acervos, arquivos e fontes”. Proposto pelas professoras Dra. Natália Pietra Méndez (UFRGS), Dda. Marluce Dias Fagundes (Unisinos) e Dda. Paula Tatiane Azevedo (PUCRS), o dossiê procura reunir artigos vinculados à História das Mulheres e das Mulheridades, e que mantenham diálogo com estudos feministas e de gênero. É uma oportunidade para submissão de trabalhos que debatam a produção historiográfica por meio da construção e dos usos de arquivos e acervos que tenham as mulheres como sujeitos, incorporando diferentes perspectivas e abordagens metodológicas. Como observado pelas proponentes, a proposta do dossiê visa “desconstruir, deslegitimar e desnaturalizar o binarismo, a misoginia e o essencialismo biológico, o silenciamento, o apagamento e as desigualdades infligidas às mulheres”, de forma a refletir sobre sua participação da História.

Por fim, não poderíamos nos eximir de comentar os atos terroristas ocorridos em Brasília no dia 08 de janeiro de 2023. Em respeito ao patrimônio brasileiro e, sobretudo, ao Estado Democrático de Direito, publicamos um manifesto que repudia veementemente todo e qualquer atentado à democracia, à memória e aos bens materiais e imateriais que constituem a base de nossa história e sociedade.

Desde a data do infame ataque terrorista em Brasília, diversas imagens, fotográficas e televisivas, mostram o quão absurdo e violento foi a invasão da capital federal. O que pôde ser assistido por milhares de pessoas, através de diferentes meios de comunicação, foi um declarado ataque à democracia, à cidadania e ao patrimônio

brasileiro. Não há precedentes, na história nacional, de ataque semelhante. Tal qual uma horda bárbara, bolsonaristas que se autointitularam “patriotas” invadiram e destruíram parte do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Ao não reconhecerem a legitimidade da vitória do novo presidente eleito, passaram a atacar o espaço e a materialidade que não mais pertencia, simbolicamente, a Jair Bolsonaro.

A invasão dos prédios, marcos arquitetônicos que integram o conjunto urbanístico reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial (1987) por sua importância cultural, foi a forma encontrada de atacar o novo governo. Destruir o patrimônio salvaguardado nesses espaços, também. Porém, sem ter o menos conhecimento do que estava sendo depredado, parte da história, da cultura e da memória nacional era atacada a golpes de todo tipo de objeto. Sem remorso, sem culpa. Apenas movidos pelo ódio irracional do não reconhecimento do novo governo.

Não reproduziremos a lista dos bens que foram danificados. Além dos prédios históricos, apenas citaremos que, dentre tantos que foram lesados, estava uma tela de Di Cavalcanti, uma escultura de Victor Brecheret e o relógio de Balthazar Martinot. Obras, obviamente, muito diferentes entre si, mas que congregam parte da história nacional. Analisar cada uma dessas obras é penetrar num vasto campo que, partindo de sua produção, circulação, contextualização, abre-se a inúmeros outros questionamentos. As imagens seguem chocando pela violência. O descaso que observamos no golpista empurrando o relógio de Martinot ao chão ou, ainda, a raiva com que outro bolsonarista desferiu sete golpes na tela de Di Cavalcanti, exemplifica o que foi gestado durante quatro anos de um governo que não teve, em nenhum momento, o patrimônio como pauta e política de governo.

O GT Acervos: História, Memória e Patrimônio, ao mesmo tempo em que repudia veementemente esse ataque à memória brasileira, sinaliza que o processo de restauração tanto dos prédios quanto dos objetos foi iniciado. Porém, mesmo que o IPHAN recupere grande parte do que foi lesado, este ato de violência contra a memória e o patrimônio brasileiro serão, para sempre, lembrados. Serão um grande e duradouro

trauma histórico. Os extremistas invasores, por certo, não dimensionaram o grande desserviço que prestaram à nação. Imbuídos de um sentimento pseudo-nacionalista e patriótico, suas bases sempre foram sustentadas pela indústria das *fake news*.

Por isso, nosso manifesto em defesa do conhecimento histórico, lutando pela valorização do patrimônio brasileiro e pela defesa da democracia.

Uma boa leitura a todos!